Bem-Te-Vi

ANO XVIII NUM. 8

AGOSTO DE 1940

Porque nos queremos bem

Pedroca fazia muitas perguntas. Tudo queria saber. Por que os patinhos sabem nadar e os pintinhos não. Por que o sol é amarelo; por que as laranjas teem sementes...

Um dia seu pai chamou um pintor para limpar a casa.

— Papai, por que o senhor mandou pintar nossa casa?

— Para ficar bonita. Quero que você e a mãezinha morem numa casa bonita.

— Isso sim!

No dia seguinte viu a mãe fazendo limpeza geral na casa, nas vidraças, móveis e cortinas.

— Mamãe, por que a senhora está limpando tanto?

— Porque a casa estava suja e eu quero que o meu filhinho e o paizinho morem numa casa bem limpa e bonita.

— Ah! Isso sim!

Pedroca, o papai e a mamãe tinham horas bem agradáveis. Numa tarde de domingo foram dar um passeio pelo parque. Pedroca ficou encantado com os macaquinhos.

No dia seguinte o menino disse:

— Papai, hoje o senhor nos leva outra vez ao parque? Queria levar bananas aos macaquinhos e pão para os peixinhos vermelhos.

— Hoje não, filhinho. Preciso trabalhar.

— Por que o senhor precisa trabalhar?

O pai sorriu e respondeu:

— Para ganhar dinheiro e comprar comida e roupa e para ter uma casa boa para você e a mãezinha.

Papai saiu e mamãe foi à cozinha lavar a louça do café e principiar o almôço.

— Você quer ajudar-me, filhinho, a descascar batatinhas?

— Que bom! Quero sim.

Depois foi brincar. Quando voltou aínda encontrou a mãe na cozinha.

— Mamãe, quanta coisa a senhora está fazendo! Por que a senhora faz tudo isso?

— Porque sei que você e o paizinho gostam muito. Além disso, carne, tomate, batatinha fazem você crescer e dão saúde e alegria.

— Então é por isso!

Naquela tarde, depois do jantar, o papai leu uma história ao Pedroca. Finalmente vestiu-se para ir dormir.

— Papai, perguntou o menino, antes de se deitar, por que o senhor e a mamãe fazem tanto trabalho e tantas coisas boas?

Pai e mãe entreolharam-se, sorrindo. Depois, olhando para o filhinho querido, disse:

— Creio que é porque nós todos nos queremos muito bem. Não é por isso que você ajuda sempre o papai e a mamãe?

— Eu acho que é mesmo! Como é bom assim!

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 8

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho • São Paulo, Agosto de 1940 • Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

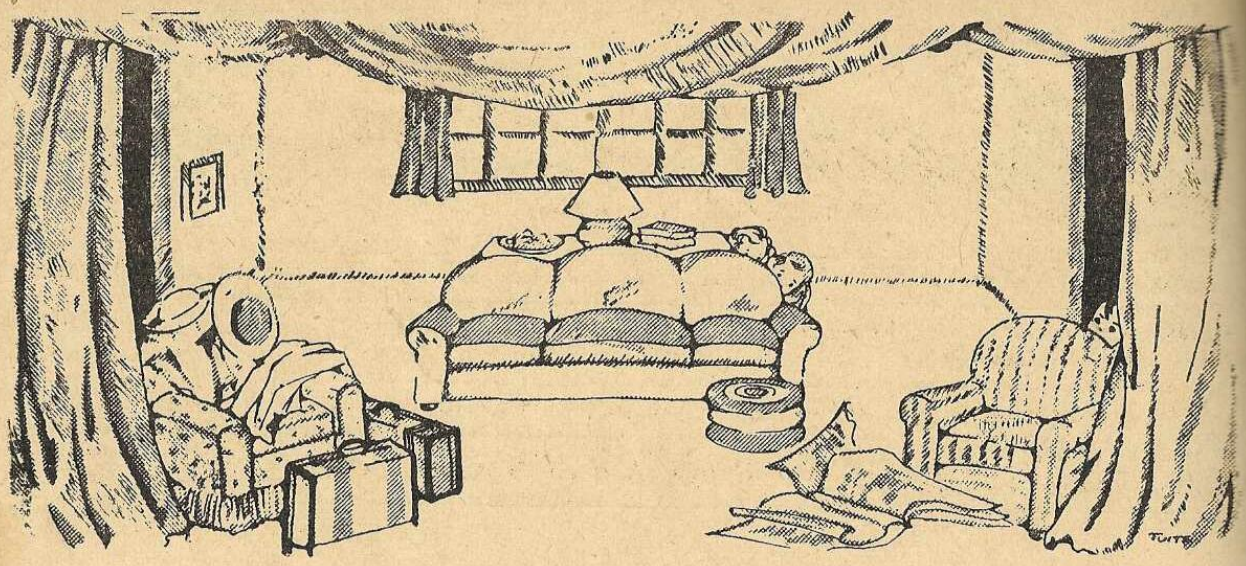
A ABELHINHA

(*A. Peixoto*)

Abelhinha, vôa, vôa,
zum... zum... zum... de flor em flor!
Que vida, que vida boa,
levas tu! Vida de amor!

Nossa bôca é pura, pura...
Vem buscar, vem, linda abelha,
o aroma, a luz, a doçura
da nossa bôca vermelha!

A criança também lida!
E' da abelha quasi irmã!
Quando estuda, torna a vida
mais bela, risonha e sã!



A casa assaltada

Comédia para dois meninos e duas meninas — Belinha, Oneida, Clóvis e Geraldo (o ladrão).

O cenário

Uma sala de visita numa casa de campo. Está simplesmente mobiliada. No centro, um divan; atrás dêle uma mesinha sôbre a qual se vêem livros e um prato de doces; uma cadeira de braço de cada lado do divan. Uma janela atrás; à esquerda uma porta que dá para a frente e à direita uma que dá para outra sala; na parede, um quadrinho.

* * *

(Quando as cortinas se abrem, o palco está vasio. Minutos depois, ouvem-se vozes na sala da frente e entra Belinha, acompanhada de Oneida e Clóvis. Chegam de viagem, em visita a d. Carmela, tia de Belinha. Entram aínda de chapéu, carregando sobretudos e Clóvis, trazendo duas maletas.)

Belinha (entrando devagar) — Tia Carmela! **(Espera um momento e chama outra vez)** Tia Carmela!

Oneida — Não há ninguém aquí!

Belinha — Parece exquisito, pois tenho certeza de que titia nos estava esperando!

Clóvis — Talvez ela tenha ido à venda comprar alguma coisa.

Belinha — Ah! Clóvis! Não estamos na cidade! Aquí, no campo, a primeira venda fica a quilômetros de distância.

Clóvis — E' mesmo! Já nem me lembrava.

Oneida — Belinha, você tem certeza de que está em lugar certo?

Belinha (rindo) — Hom'essa! Acho que estou. Mas — parece tudo tão exquisito! Pelo menos eu sei que tia Carmela não havia de nos lograr. Ela me disse que podia convidar vocês para passar êste fim de semana aquí, e não compreendo como não está aquí para nos receber.

Clovis — Ah! Você então está em casa errada. São tôdas tão parecidas.

Oneida — Além disso, já faz muito tempo que você não vem aquí, não é mesmo?

Belinha — E' verdade. Eu vim aquí quando tinha cinco anos. Tia Carmela esteve muito tempo fora. Faz só um mês que voltou e abriu a casa.

Oneida — Você tem certeza mesmo de que ela não está?

Belinha (chamando novamente) — Tia Carmelaaa! **(Não ouvindo resposta, olharam-se assustados.)**

Oneida — Ih! Que havemos de fazer?

Belinha — Homem, isso é que não sei.

Clovis (suspirando) — Acho melhor resolverem alguma coisa porque já estou cansado de segurar estas maletas.

Oneida — Barbaridade! Ponha no chão!

Clovis — Até nem me lembrei.

Oneida (para Belinha) — Coitado! Até êle está ficando zonzo.

Belinha (indo para a mesa) — Olhem! Aquí está um recado!

Clovis (ansioso) — Para nós? **(Êle e Oneida correm para ver).**

Belinha — Oh! E é da tia Carmela. Parece que tudo se explica. Escutem: **(Ela**

lê) "Cuide bem das visitas até eu voltar. Recebi um chamado urgente para a cidade. Tia Carmela".

Oneida — Afinal, quer dizer que a casa é esta.

Belinha (rindo) — Isto me anima, pois não tinha bem certeza. E' como Clovis diz, estas casas se assemelham muito.

Clovis — Bem, então, dêem-me licença, vou tirar o paletó.

Belinha — Esteja à vontade. Vamos pôr nossas coisas nesta cadeira. Acho melhor esperar titia para nos mostrar os quartos.

Oneida — Quanto tempo leva daqui à cidade?

Belinha — São mais ou menos 9 km. Tia Carmela se refere à povoação onde faz as compras, e não à estaçãozinha onde desembarcamos.

Clovis — Não acha que o homem que nos esperava na estação devia saber que sua tia tinha saído?

Belinha — Penso que ela recebeu o telefonema depois que êle saiu para a estação, não podendo avisá-lo em tempo.

Oneida — Êle mora por aquí?

Belinha — Sim, disse que trabalha para o pessoal que aquí veraneia; isto é, para os donos destas casas que vêm passar o verão.

Clovis — Que espécie de gente é essa?

Belinha — Deve ser gente rica, mas, como faz muito tempo que aquí não venho, não posso afirmar.

Oneida (indo à janela) — Naquela outra casa não há luz nenhuma. Será que está desocupada?

Belinha (rindo) — Ora, que sei eu? E se estiver, com certeza é porque os proprietários aínda não chegaram, embora êste seja o melhor tempo de se passar aquí.

(Tirando os casacos e chapéus, sentam-se).

Clovis (de repente) — Sabem? Estou com fome.

Oneida (um tanto acanhada) — Clovis!

Belinha (rindo) — Eu também estou, Clovis. (Olha em redor). Aquí há uns doces. (Passa o prato).

Clovis — Muito obrigado. Que é isso na mesa — jornal?

Belinha — E'. Você quer ler?

Clovis — Não é mau, não.

(Começa a ler. As meninas continuam lambiscando o doce. Clovis está numa cadeira de braço, perto da janela).

Oneida — Eu gostaria de saber se por aquí há algum moço ou moça.

Belinha — Tomara que haja. Quando eu era criança, vinha todos os anos. Não havia nem uma outra criança a não ser o Chico...

Oneida — Que Chico?

Belinha — Um menino.

Oneida — Será que aínda mora aquí?

Belinha — Espero que não.

Oneida — Por que?

Belinha — Era terrível! Nunca vi outro igual. E' verdade, você nem pode imaginar as artes dêle.

Oneida — Que é que êle fazia?

Belinha — Fazia tudo! Puxava meu cabelo, punha sapo em minhas botinas para me assustar, desmanchava meus brinquedos, ih! pintava o sete!

Oneida — Agora deve estar moço, então.

Belinha — E quem sabe, pior aínda!

Oneida — Ah! E' mais certo não estar mais aquí.

Belinha — Si êle estiver, ah! não paro aquí muito, não.

(Clovis ergue de repente a cabeça)

Clovis — Gente!

Belinha — Que foi?

Clovis — Você leu êste jornal?

Belinha — Não, por que?

Oneida (com impaciência) — Por misericórdia, Clovis, diga logo qual é a novidade.

Clovis (um tanto assustado) — Então escutem. Prestem bem atenção. **(Lê)**: Roubo nas casas de campo.

Belinha — Onde?

Clovis — Aquí! (Continua lendo)

Oneida — Minha vida! Que horror!

Belinha — Quando?

Clovis — A noite passada. Êle vai indo de uma em uma.

(Todos os três, um olha para o outro, com olhar indagador).

Belinha — Será que já esteve aquí?

Clovis — E' bem capaz de vir esta noite!

Oneida — Nem é bom pensar, gente!

Clovis (Olhando em redor) — A porta da frente está trancada?

Belinha — Ah! Não sei. Nunca pensei que.....

Clovis — E' mais provável que venha pelos fundos, não acham?

Belinha — E', pode bem ser.

Clovis — Está tudo trancado?

Belinha — Ora, não sei. (Indicando à direita). Está lá.

Oneida — Clovis, vá ver você se está tudo bem fechado.

Clovis — Eu? Eu não! Não posso.

Oneida — Veja só! Por que?

Clovis — Você sabe muito bem que machuquei meu pé no jôgo.

Oneida — Ah! A graça dêle! Isso foi aínda nas férias! **Paúra,** isso sim!

Clovis — Não sei de nada, mas aínda dói.

Belinha — Eu acho que as janelas estão trancadas.

Oneida — Tomara!

Belinha — E' melhor eu ir ver (Levanta-se, mas pára).

Oneida — (levantando-se dum salto) — Que aconteceu?

Belinha — Psiu! Acho que ouví um barulho na porta.

Oneida — Pode ser o vento.

Clovis (pulando, nervoso) — Não, eu também ouví!

Belinha (em voz baixa) — Escutem!

(Ouvem-se passos fora)

Oneida — E' gente!

Belinha — Será tia Carmela?

Clovis — Ela não andaria assim na pontinha dos pés!

(Escutam. Outro barulho, à esquerda, na sala da frente).

Oneida — Êle vem vindo! E agora?

Clovis — Coragem! E' só ter coragem. Não tenham mêdo (Êle pula atrás duma cadeira e se esconde).

Belinha — Apaguem a luz!

Oneida — Onde está o registro?

Belinha — Aquí. Deixe, eu apago. Vamos esconder atrás do divan!

Apagadas as luzes, escondem-se atrás do divan, enxergando, porém, com a claridade que vem da frente. Não demora e eis que aparece uma figura, entrando bem devagar. E' o ladrão.)

Ladrão — Ora, ora, que será que aconteceu com estas luzes? Acho que outro fusil... **(Êle pisa no pé de Clovis.)**

Clovis — Ai! ai! Arreda-te.

Ladrão (pulando) — Onde já se viu...? **(acende a luz. Clovis sai pulando num pé só, segurando o outro.)**

Clovis (zangado) — Não és capaz de roubar sem pisar nos outros?

Ladrão — Roubar? (Encara-o com surpresa). Dize-me, quem és tu?

Clovis — Quem sou eu? Eu? Engraçado! Sou o dono do pé que pisaste há pouco, isso é que sou!

(O ladrão é um rapaz alto e regulando em idade com Clovis.)

Ladrão — Mas que estás fazendo aquí?

Clovis — Estou fazendo uma visita!

(Oneida sai de seu esconderijo.)

Oneida (ao ladrão) — Isso mesmo, e eu também. Êle é meu irmão e deixa-o em paz!

Ladrão — Não lhe vou fazer nada!

Clovis (gemendo por causa do pé) Ah! não, hein? Não!

(A cabeça de Belinha aparece por cima do divan; arregala os olhos.)

Belinha (pulando para fora) — Será? Você não é o Chico?

Ladrão (espantado) — Quantas visitas temos aquí?

Belinha — Mas você não é?

Ladrão — Sou, sim. Mas...

Belinha — E que veiu fazer aquí?

Chico — Eu moro aquí.

Belinha — Mora aquí?

Chico — Então? Aquí mesmo! (Olha espantado) Você é a Belinha? E'?

Belinha (rindo) — Sou eu mesma.

Chico — Tão crescida, quasi não a conheci! (Ri então) Agora é que estou compreendendo tudo — Vocês estão em casa errada! Entraram na nossa, pensando que fôsse a de sua tia!

Belinha — Mas eu até achei um recado — (Ergue-o e entrega-lhe) Estava assinado — Tia Carmela — e pensei então...

Chico (rindo) — Êsse recado deixou-o para mim. "Cuide bem das visitas até eu voltar". Viu? Ela me recomendou cuidar de vocês. Mas eu passei o dia pescando e só agora é que vejo o recado.

Oneida — E nós pensavamos que você fôsse um ladrão.

Clovis — O jornal diz que muitas casas estão sendo roubadas...

Chico — Foram mesmo, muitas delas. Mas pegaram o ladrão esta manhã.

Belinha — Quanto susto! Sinto muito...

Chico — Ora, isso não tem importância, já passou. E' melhor então irmos para a casa de sua tia, quanto antes. Vi luz lá. Ela com certeza chegou e está à procura de vocês.

Belinha — E vamos depressa. Ora, até me esqueci de lhe apresentar meus amiguinhos. Êste é o Clovis e sua irmã Oneida, que vieram comigo visitar titia.

Chico — Ótimo! Havemos de nos divertir muito. Mas não precisa mais ter mêdo de mim, Belinha. Desta vez não porei sapos nas suas botinas!

(Saem todos, rindo).

(Fecham-se as cortinas).

Nota — Procurem representar com a maior naturalidade possível.

Brasileiros Ilustres

RUI BARBOSA

Qual de nós não se ufana ao dizer que Rui Barbosa era brasileiro?

E com razão! Vamos ver alguma coisa sôbre a vida dêste nosso patrício querido.

Em 5 de novembro de 1849, na capital da Baía, uma criancinha vinha alegrar o lar do snr. dr. João Barbosa, médico, e sua exma. espôsa d. Maria Adélia; era o pequenino Rui. Cresceu o menino em meio favorável, pois estava rodeado de tios e parentes muito cultos e profundos conhecedores da nossa língua.

Êste menino que seria uma das glórias do Brasil, já com 5 anos sabia ler e analisar sentenças logicamente, indicando o sujeito, predicado e complemento!

Rui entregava-se aos estudos, lutando com a saúde e em meio às sérias dificuldades financeiras em que se achava a família.

Quem sempre os socorria nessas crises era o bom primo Albino, conselheiro, homem íntegro e inteligentíssimo, que aos sete anos já iniciava o seu estudo de latim.

Em 1867 Rui perdeu sua querida mãe. Sete anos depois, morre-lhe o pai. Antes, porém, vejamos como se expressa o pai, em uma carta ao primo Albino, referindo-se ao futuro glorioso do filho Rui.

"Com efeito devo ao Rui muitos dias de vida, pelo quasi orgulho que me vem de seu procedimento, e do seu bonito talento, que é tão incontestado, que V. não levará a mal reconhecê-lo. Em 23 anos poucos o igualam; porque, muito aplicado e com os dotes intelectuais que tem, meu filho propõe-se a escritor notável e a orador de 1.ª ordem. . . . . .

O Dantas e outros dizem-me que o Rui é superior a José Bonifácio, e sustentam que certamente hoje não se fala melhor do que êle. Severo na dicção, que sempre o fiz cultivar, muito dialético, já com algum cabedal, boa voz e imaginação bastante, com mais ano e o amor ao estudo que sempre o caracterizou, êle será de algum nome, se Deus quiser e a saúde, que hoje tem, lhe não faltar."

Três meses depois de receber esta carta, o primo Albino recebe outra de Rui, comunicando a morte do pai. Sucedeu-o na chefia da família; substituiu nos bancos a firma do pai pela sua e pagou tôdas as dívidas, pontualmente, sem a falta dum vintem. E quanto sacrifício não lhe custou o cumprimento dêste dever penoso, mas sagrado!

Bem dissera seu pai que o amor ao estudo sempre o caracterizou, pois leiamos o que disse o seu mestre, dr. Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, Diretor do "Ginásio Baiano" onde Rui Barbosa estudou humanidades:

"Baía, 2 de abril de 1866.

Meu caro Rui.

Causou-me entranhável satisfação tua prezada carta de 21 do passado, cujas amigas e amorosas expressões me vieram mais confirmar no juízo que sempre fiz da retidão do teu caráter e da bondade do teu coração.

Cartas como essa tua, meu Rui, são para mim de grande preço: — confortam-me na difícil vida que levo, convencendo-me de que não são desaproveitados os meus sacrifícios em prol da educação da mocidade.

Olha — eu te considero como um dos mais distintos alunos que tenho tido, amo-te como a filho, e tenho fé de que hás de ser uma das glórias do Ginásio Baiano. E', pois, necessário que não descanses em tua fácil inteligência e te não descuides do estudo.

Se não fores o primeiro estudante do teu ano, como espero confiado, não

creio que encontres muitos rivais, e não admito a possibilidade de haver algum superior.

Repugna-me a idéia de poderes ficar confundido com a turba dos ignorantes matriculados por empenhos.

Não te desvaires, meu amigo, nesse teu inexperiente entrar do mundo: cultiva as relações de poucos amigos, mas escrupulosamente escolhidos entre os moços que te parecerem mais graves, e estudiosos: — cingete o mais que puderes dos teus livros, que são amigos insuspeitos, verdadeiros e úteis.

Quero a tua reputação fundada desde agora em todos os sentidos.

O futuro te espera grandioso: prepara-te dignamente para êle.

A mocidade é presunçosa — sê dócil: é leviana — sê discreto: não dá valor ao tempo — aproveita-o. Time is money. Que mais dizer-te, Rui, a ti que tanto me deves compreender!.....

Peço a Deus que te ilumine o espírito para conheceres o caminho que deves trilhar, e que te mova o coração sòmente para o bem.

Adeus. — Aceita um apertado abraço do

Teu mestre e am.º do C.

Abílio."

Casou-se em 1876 com Maria Augusta, Cota, como lhe chamava. Foram cinco os seus filhos: Maria Adélia, Francisca, Ruizinho, Joãozinho e Maria L. Vitória.

Em 1878 foi feito deputado e, proclamada a república, nomearam-no Ministro da Fazenda.

Tendo sido em 1893 inocentemente acusado de ter parte na revolução da Armada, viu-se obrigado a refugiar-se em casa dum amigo, de onde seguiu para a Argentina. Foram atrozes os seus sofrimentos por estar prêso sem culpa alguma e por estar separado da família, a quem escrevia diariamente.

Eram cartas infinitamente saudosas, transbordantes de ternura e carinho. Torturava-o a idéia de sua prisão injusta, êle que sempre defendera a justiça!

Precisava de fôrça para suportar isso, e só a encontrava, desafogando-se por carta com a espôsa, cujas cartas e as dos filhos lhe eram o único lenitivo.

Depois de muito refletir, segue com a família em exílio para a Europa, fixando-se em Londres depois de pequena estada em Lisboa e Paris.

Regressou ao Brasil em 1895 e tendo sido reeleito senador pela Baía, fixou residência no Rio.

Pouco depois segue novamente para a Europa, não mais como exilado, senão como representante do Brasil na segunda conferência de paz em Haia, capital da Holanda.

E que representante! Seu nome e o do Brasil se cobriram de glória, tal a sua inteligência e grande saber jurídico! Bem mereceu ser chamado "O Águia de Haia". Ao voltar ao Brasil, foi recebido como um ídolo nacional.

Rui Barbosa foi um dos homens mais eminentes na história de seu país. Como escritor de variadíssima cultura, seus escritos são verdadeiros modelos de boa prosa, pela pureza de linguagem e gôsto literário.

Como político, deu o que pôde, suas energias, cultura e talento com o fim de ver realizado seu ideal de uma pátria nobre, forte, generosa e progressista.

Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras e seu presidente por algum tempo.

Vocês, meus bem-te-vistas, sabem que é uma biblioteca? Pois a de Rui talvez seja a maior que particulares possuam no Brasil. E não só isso. Era tal o seu conhecimento e memória que até o apelidaram de "biblioteca ambulante".

Em 1.º de março de 1923 o nosso país passou pela dor profunda de perder êste seu filho. Todos os brasileiros sentiram a sua morte. Os seus funerais foram de grande suntuosidade, custeados pelo govêrno.

Existe aínda hoje no cinema Ideal do Rio, envolta em crepe, a cadeira que Rui Barbosa ocupava diariamente, numa saudosa recordação do nosso eminente patrício.

Vocês, queridos bem-te-vistas, já pensaram em fazer alguma coisa para tornar o Brasil melhor? Rui Barbosa, escrevendo certa vez a seus filhos, recomendou-lhes que AMASSEM A JUSTIÇA e o BEM DE SEUS SEMELHANTES. Certamente isto é o que êle diria a vocês também, que por certo quererão imitar êste brasileiro ilustre e digno de nossa admiração.

MEU ALBUM DE SEGREDOS

(*Para as meninas*)

Em geral as meninas gostam muito de albuns, não é verdade?

Eu também, quando criança, tive um e aínda o guardo até hoje, com muito carinho, como recordação daqueles dias de infância.

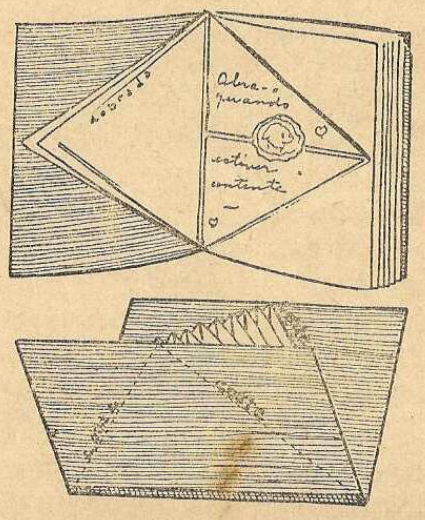
Escutem bem como é que se faz um *album de segredos*. Sei que muitas hão de querer possuí-lo. Antes de tudo, comprem um caderno de $500, de capa não muito dura. Agora peguem as duas pontas da primeira página e ajuntem-nas no meio, do lado em que o caderno está costurado, deixando-a do formato dum triângulo. Façam o mesmo com tôdas as páginas e depois, com uma tesoura bem amolada cortem a capa, deixando-a do formato das fôlhas.

Agora vem o segrêdo. Peçam às pessoas *mais amigas e queridas* que escrevam algumas palavras em seu album. E assim devem elas fazer: desdobrar uma página e escrever alí o que desejam. Depois devem dobrá-la novamente e pregar nela um sêlo, uma figurinha qualquer ou um crômo bem bonitinho; e nêsse lado de fóra, escrever quando deve ser aberta a página.

Certa vez, no album que ensinei uma aluna fazer, escrevi quatro vezes. Na primeira página, do lado de fóra, indiquei: *Para ser aberto logo ao recebê-lo.* Na segunda página indiquei: *Abra-o quando estiver alegre.* Em outra: *Para ser aberto num dia chuvoso.* E aínda na quarta, escrevi: *Para ser aberto quando você estiver triste.*

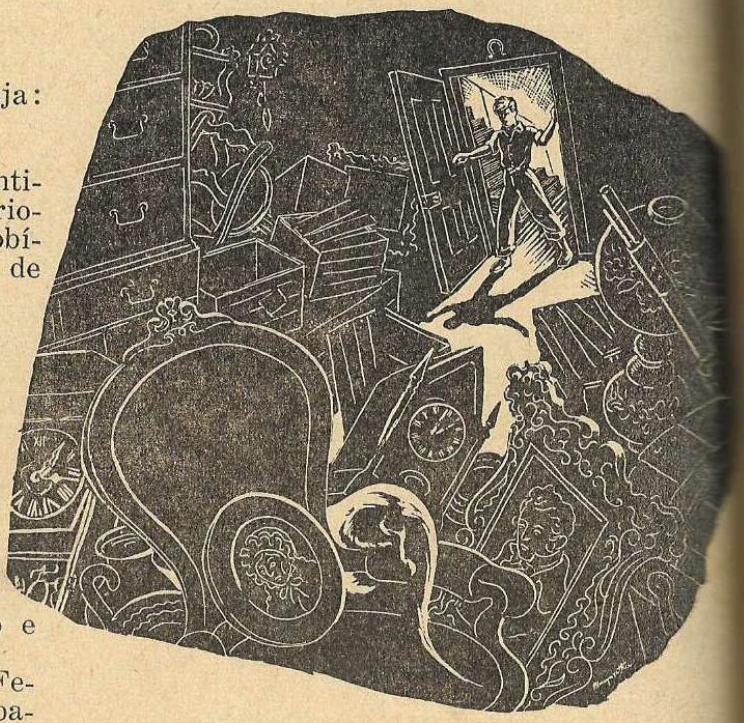
Depois, não sei quem mais escreveu, mas ela me disse que aquele album lhe trazia muita alegria.

Quem será que vai escrever no seu?



QUE FARIAS TU?

O FANTASMA DA LOJA



Joel leu o anúncio na vitrina da loja: "*Precisa-se de um menino*".

"Que sorte!" pensou consigo.

Era uma casa grande, de louças antigas, muitos objetos de prata, joias e curiosidades diversas. Havia também mobílias de estilo antiquado e tudo coberto de poeira.

"Isto aquí parece exquisito", pensou. "Mas, eu preciso do emprêgo".

Joel entrou e tocou a campaínha. Veiu lá de dentro, um senhor idoso, de má aparência: por baixo de seu gorro aparecia o cabelo muito comprido, e usava óculos, grandes demais, que caiam no nariz.

— Então? inqueriu, ao ver o menino.

— O senhor precisa de um menino e eu preciso de um emprêgo.

O homem olhou-o dos pés à cabeça. Felizmente Joel estava limpinho, de sapatos engraxados, cabelos penteados, embora humildemente vestido.

Logo em seguida perguntou-lhe:

— Como se chama?

— Joel.

— Muito bem. O meu nome é Saraiva. Acho que você vai servir. O último não parou por ser medroso.

— Ah! Eu sou valente!

— Está bem .Então vá tirar o anúncio da vitrina. Pode começar amanhã cedo.

Joel estava radiante. Um emprêgo! Como isso lhe soava bem. E como a mãe havia de ficar contente!

Joel ia correndo, para dar, quanto antes, a boa nova à mãe. Ao virar, porém, uma esquina, deu um encontrão com um menino.

— Desculpe-me, disse Joel.

— Não foi nada. Diga-me uma coisa. Você não saiu daquela casa que vende coisas velhas?

— Saí, respondeu Joel, com certo orgulho. Eu trabalho lá.

O desconhecido fitou-o por uns momentos, depois continuou.

— Olhe, tome cuidado. Aquilo é assombrado.

Joel deu uma boa risada, dizendo:

— Ora, ora, eu não tenho mêdo.

— Bem, estou apenas avisando-o. Eu também já trabalhei lá, mas deixei. Eram demais as assombrações.

— Ah! Pois eu gostaria de ver uma; não acredito que haja.

— Você vai ver. Mais tarde não diga que não o avisei.

Virou-se e seguiu seu caminho. Joel também continuou a andar, mas devagar e pensativo.

Na manhã seguinte, com tôda a pontualidade, lá estava o menino na loja.

Não havia muitos fregueses a atender. Saía muito à rua levar recados. O snr. Saraiva passava quasi que o dia todo, num quarto de dentro, consertando coisas.

"Acho que aquele menino estava com inveja, pois já faz três dias que estou aquí e de fantasma, nada".

Naquela tarde apareceu um comprador. O próprio snr. Saraiva veiu servílo.

— Queria dar um presente a minha irmã.

— Muito bem. Temos umas boas peças.

Olharam as joias e as mobílias. Finalmente o freguês apontou para uma cadeira. "Fico com esta. Acho que a mana vai ficar contente".

Era uma cadeira pequena mas cara e muito bem trabalhada.

Snr. Saraiva esfregou as mãos com prazer.

— Foi uma boa escolha a sua. Daquí a pouco mandarei levá-la.

O homem pagou e saiu.

— O' Joel, chamou o dono, vá lá no porão e procure uma caixa que sirva para esta cadeira.

— Sim senhor.

Em poucas palavras o patrão explicou-lhe onde a poderia encontrar, pois era a primeira vez que ia ao depósito. Antes de entrar, porém, Joel espiou. Tudo escuro. Acendeu um fósforo; pouco adiantou. Pôde apenas divisar uns objetos, perceber a desordem e encontrar a porta que dava para um outro quartinho onde estavam as caixas. Pôs a mão no trinco, mas no momento em que ia abrir, pareceu ouvir um barulho lá dentro. Escutou. Silêncio completo. "Já sei, aquele menino é que me deixou nervoso", disse Joel, rindo, para espantar o mêdo. Virou o trinco. Quando a porta ia abrindo, viu alguma coisa branca mover-se na escuridão.

Sem nem tirar a mão do trinco, Joel puxou a porta e saiu correndo. Parou na escada. Escutou. Nada. "Que patifaria!" Voltou de novo, abriu mansamente a porta, escutou, espiou, não viu nada. Acendeu um fósforo. Havia muitas caixas, caixotes e móveis.

Joel riu novamente. "Que bom que não fiz feio com o patrão. Eu, que lhe disse ser valentão". Procurou a caixa. Encontrou-a logo. Apagou a luz, fechou a porta, e subiu a escada, assobiando.

— Muito bem. E a tampa? disse o patrão.

— Esqueci. Ficou no quartinho.

Voltou buscá-la. E, corajosamente, sem nem pensar em assombração, entrou no porão. A mesma figura branca se moveu silenciosamente na escuridão, que se tornava cada vez mais profunda.

Joel estacou paralizado. Era a segunda vez que via aquilo. Só podia ser assombração. Sentiu amolecer as pernas. Mas a sombra desapareceu.

— Joel, gritou o patrão, lá de cima. Ande logo com essa tampa. Joel foi até o quartinho. Por sorte as tampas estavam amontoadas perto da porta. Escôlheu uma e saiu quanto antes.

Mas a assombração não saía de sua cabeça. Felizmente o patrão nem percebeu a sua palidez por estar atendendo outro freguês.

Dias se passaram antes de precisar o pobre do Joel, voltar ao porão. Chegou porém, o dia em que precisou de mais uma caixa e, naturalmente, êle foi o encarregado de ir buscá-la. O menino obedeceu com presteza. Desceu as escadas mas parou hesitante, em frente à porta.

O snr. Saraiva, que também descia para ir ao quintal buscar um pedaço de madeira, percebeu a sua hesitação.

— Que está esperando? perguntou.

— Nada, snr. Saraiva.

Abriu a porta e entrou. Ouviu-se um barulho.

— Que é isso? perguntou o patrão.

Joel mal teve fôrças para responder:

— Não sei.

O snr. Saraiva aproximou-se e viu alguma *coisa* branca desaparecer na escuridão.

— Epa! Parece que por aquí andam *coisas!*

Joel esforçou-se por se mostrar corajoso. Foi ao quartinho e tirou a caixa.

Ao voltar, disse-lhe o patrão:

— Escute aquí, o melhor é amanhã fazermos uma boa limpeza nisto tudo e descobrir o que há.

Com voz trêmula, o menino respondeu:

— Sim senhor.

O dia seguinte amanheceu chovendo. Joel foi para o serviço completamente sem ânimo, e achando que razões sobejas teve o outro menino para sair daquele emprêgo. Ah! Se sua mãe não contasse com o seu dinheirinho!

O snr. Saraiva passou a manhã tôda muito ocupado. O rapazinho, já quasi alegre, contava com o seu esquecimento; eis, porém, que o velho aparece e diz:

— Vamos Joel. Já está ficando tarde.

Joel tremia todo ao descer a escada. O snr. Saraiva abriu a porta. O menino se conservava rente a êle. Espiaram. Tudo escuro e em silêncio.

— Acenda a luz, disse o patrão.

No momento em que a luz se projetou, alguma coisa moveu-se no fundo. Ambos esperaram sem respirar.

De repente, a *coisa* branca apareceu sôbre uma caixa. Procuraram então distinguir melhor através da escuridão e, finalmente os dois cairam numa boa gargalhada.

— Um gato! E eu a pensar que era assombração! desafogou Joel.

— Então? E' mesmo? Você foi valente, hein, em não me falar nada! Muito bem!

O rapazinho sentiu-se orgulhoso com o elogio.

O gato, magro, continuava sôbre a caixa, encarando-os com olhar selvagem. Joel aproximou-se, chamando-o: "Bichano, bichano". O gato não fugiu.

— Hum. Com certeza êle não tem dono. E parece morto de fome. Acho que nos servirá para alguma coisa. Dê-lhe de comer.

Joel pegou-o e ao sair disse, notando uma vidraça quebrada:

— Já descobri! Foi por aquí que êle devia ter entrado.

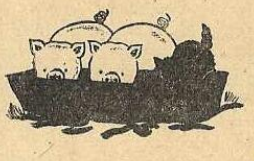
— Deve ser. Vou consertá-la quanto antes, pois de assombração, basta uma.

Joel, satisfeito com a descoberta e agora ja calmo, acariciou o bichano que lhe agradeceu rosnando.

— Então foi você que me assustou tanto, hein?

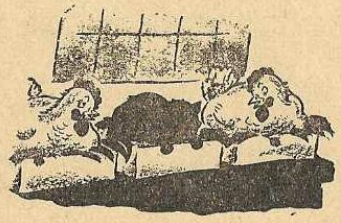
E daí por diante aquele gato recebeu o nome de *Fantasma.*

O gatinho imitador



Ninguém sabia ao certo o jeito daquele Gatinho Imitador porque êle estava sempre procurando imitar algum outro animal.

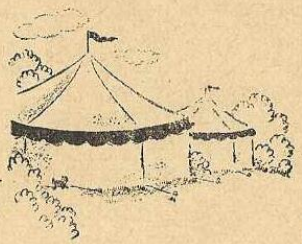
Às vezes fazia como os leitõezinhos.



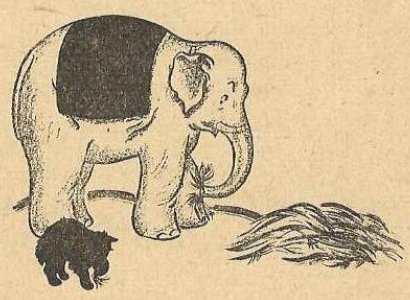
Outras vezes procurava imitar as galinhas. Também as crianças não escapavam do Gatinho Imitador.

Só quem êle não imitava era sua mãe e seus irmãozinhos. E com isso a mãezinha muito se aborrecia.

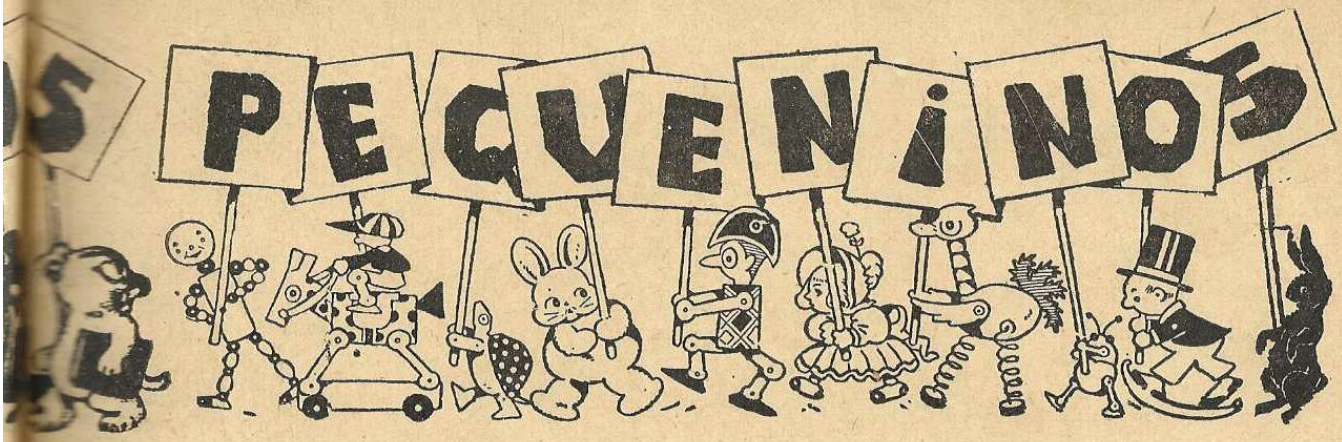
Um dia chegou um circo à cidade. O gatinho num instante, apareceu lá e espiou por baixo do pano. Entrou.

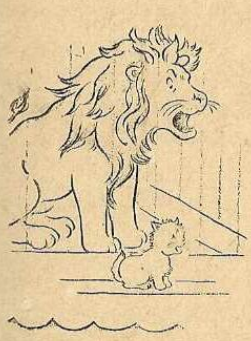


A primeira coisa que viu foi um macaquinho no balanço. Pois, imaginem, o Gatinho Imitador fez do mesmo jeito do macaco!

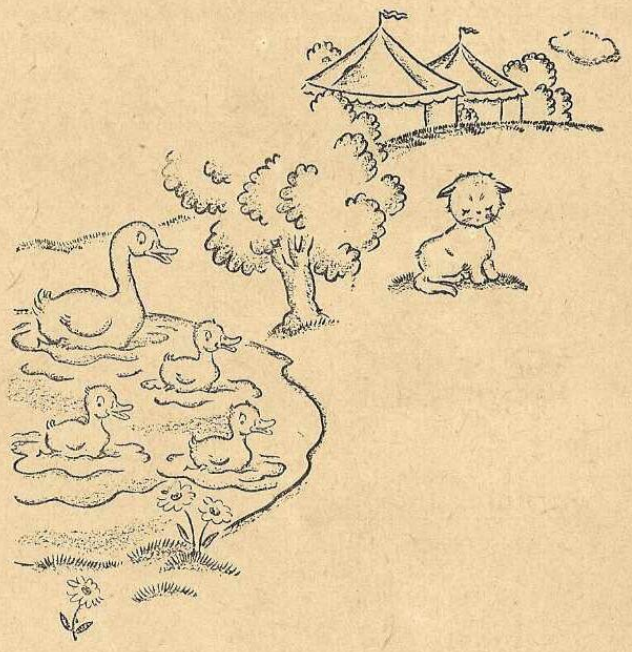


Depois, deu com o elefante. Ah! Êsse foi fácil imitar!

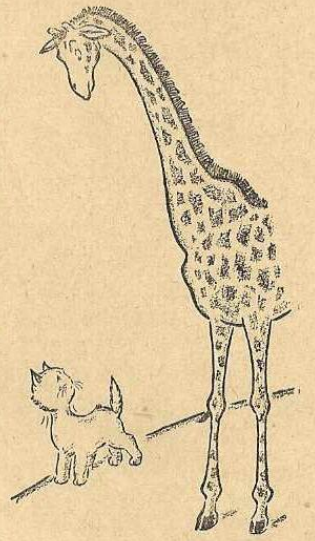




Imitar o leão também era facílimo, porque os gatos, por natureza, se parecem com os leões.



Depois o gatinho avistou a girafa. Quís imitá-lá; esticou, esticou o pescoço, o mais que pôde, mas qual, parecer-se com ela não era possível. Esticou o pescoço aínda mais, ergueu a cabeça mas nem por longe se assemelhou à girafa. Até quasi deu mau jeito no pescoço. Então desistiu da tentativa, mas nunca em sua vida êle ficou tão triste como dessa vez. E tão desapontado estava que resolveu nunca mais imitar os outros.



De volta para casa o Gatinho Imitador viu os patos no lago, mas agora êle não foi bobo; os patos queriam é vê-lo em apuros nágua. O Gatinho, porém, passou de largo.

Ao chegar à sua casa encontrou sua mãezinha aínda muito triste, porque todos os filhinhos acompanham sua mãe, mas êste era rebelde.

O Gatinho, entretanto, sentia-se feliz, porque, afinal, aprendera a ser um gatinho simplesmente.

Palestra familiar sôbre a guerra

Na sala de jantar Hélio, menino de 10 anos lê um livro de viagens; sua irmanzinha Hilda não lhe dá sossêgo, dizendo: "Conte p'ra mim, conte; eu entendo, pois já estou no 1.º ano!" Hélio, impaciente, afasta-lhe a mão do livro, desculpando-se: "Que é que uma criança de seis anos como você, entende? Você me deixa nervoso...".

Ao ver a mãe, que vem da cozinha, Hélio exclama: "Mamãe, chame Hilda que está aquí me amolando para lhe contar como foi a guerra. Chame, mãe. Ela é muito pequena e não entende nada. Acho que nem a senhora a fará entender".

A mãe senta-se e diz em tom profundo:

— Não, ela não é pequena demais, nem um pouco. Ela entenderá, com certeza, melhor do que muita gente grande. Melhor do que eu. A guerra é uma coisa que os grandes fazem e que as crianças conhecem perfeitamente. E' verdade que muita coisa nem você de 10 anos, nem Horácio de 15 anos podem entender, no entanto, qualquer criança que já sabe gritar, sapatear e agarrar para conseguir o que deseja, compreende perfeitamente por que vão os homens à guerra. Os grandes é que não entendem como podem os homens agir como crianças. Vou contar a você, Hilda, e a você, Hélio, o que é a guerra. Agora escutem: — ".

Hélio pôs o livro de costas e Hilda encostou-se à mãe para não perder nem uma palavra.

— Domingo passado, quando a prima Luiza estava aquí com a irmanzinha Inês, lembram-se da discussão e briga que houve por causa daquela sua casinha de papelão, por armar?

— E' porque éla queria fazer tudo sozinha, disse Hilda, e nem me deixava pôr a mão para...

— Não é preciso contar-me como foi, interrompeu a mãe. Guerras e briguinhas começam sempre do mesmo jeito. Dois lados querem a mesma coisa e tornam-se incapazes de resolver o caso sem lutar. Domingo quando ouví seus gritos e berros e corri para ver o que tinha acontecido, encontrei você e Luiza puxando os cabelos uma da outra e agarrando ambas a mesma coisa, enquanto Inês unhava e mordia suas pernas.

— Imagine, mamãe, tornou Hilda, a Inês nem sabia porque estavamos brigando; de repente parou com o seu brinquedo ao lado e veiu contra mim. Eu nem relei nela.

— Pois isso é guerra. Você e Luiza estavam guerreando. A pequena Inês era um neutro que entrou em guerra para defender a irmã a quem amava. E a guerra é justamente isso, apenas em proporções muito maiores, porque os componentes dela são grandes e sabem como fazê-la prolongar e tornar-se milhões de vezes mais desastrosa. Agora, que foi que pôs fim à *sua* guerra.

— Ora, a senhora nos apartou dizendo que aquilo era uma vergonha e nos mandou lavar o rosto com água fria.

— E qual de vocês duas ficou com o brinquedo?

— Ora, mamãe, a senhora sabe. Êle ficou em pedaços e foi para o lixo.

— E você, Hélio, dizendo que ela era pequena demais para entender a guerra, ela que já esteve envolvida numa! E não só ela. Você também, na semana passada, na escola!

— Ah! mamãe, nem me faça mais lembrar daquilo.

— Quero apenas frisar que as guerras tôdas têm o mesmo começo. Um lado deseja fazer de um jeito, outro lado quer a mesma coisa de outro jeito e não sabem refletir para resolver dum modo ajuizado e perdem a cabeça; é como um formigueiro sem direção. O Horácio também...

Nisso entra Horácio que chega do ginásio, põe os livros sôbre a mesa e diz, vendo-os em palestra:

— Olá, boa tarde. Qual o assunto?

— Estamos falando a respeito do que todos falam nestes últimos dias — sôbre a guerra. Ia justamente agora referir-me à guerra em que você esteve envolvido há poucos meses.

Horácio, tirando o paletó e desapertando a gravata para ficar mais à vontade, adianta:

— Já sei, é a lição que demos nos calouros, quando quiseram...

A mãe, interrompendo-o:

— Não importa o que êles fizeram. O princípio é sempre o mesmo. A questão é que quiseram fazer o que os calouros não queriam e a única solução que pude-

ram imaginar para decidir o que *iam* fazer, foi lutar. E perderam a noção de tudo.

Hilda entende isso, perfeitamente. Foi o que ela fez. Mas agora, Horácio, conte à sua irmanzinha porque é que não estão lutando até agora. Vocês já eram grandes demais para que viessem as mães apartá-los e fazê-los lavar o rosto nágua fria. Os professores de ginásio, por certo, não vão tratar os moços, de calças compridas, como se faz com as crianças. Que é que pôs fim à luta?

— O conselho de estudantes nos fez sair e se reuniu.

A mãe. — Explique, primeiramente a Hilda o que é um conselho.

Horácio. — Cada classe do ginásio elege dois alunos e duas alunas para serem membros do conselho de govêrno-próprio dos estudantes. Representam os alunos e alunas de tôdas as classes. São escolhidos os que mostram possuir mais senso, mas se agirem desajuizadamente, ora, são demitidos e eleitos outros. E naturalmente, quando êles dão sua decisão sôbre qualquer caso, ela é aceita.

A mãe. — Bem, então o conselho se reuniu. E depois?

Horácio. — Então, os calouros enviaram dois rapazes dos que tomaram parte no barulho para representá-los, e nós mandámos dois para representar o nosso lado. E' assim.

A mãe. — E depois?

Horácio. — O conselho então ouviu as duas partes e discutiu o caso por uma hora e deu seu voto para o partido que lhe pareceu estar com o direito.

A mãe, imediatamente. — E depois?

Horácio, admirado. — Ora, então, fizemos como foi decidido. A questão era que os calouros queriam ocupar as primeiras carteiras e os veteranos também. O conselho, pois decidiu que os calouros ocupá-las-iam três dias na semana — segunda, quarta e sábado — e os veteranos, os outros dias.

A mãe. — Agora, vejam, meus filhos, quando vivemos juntos — grandes ou pequenos — uma coisa é certo acontecer: duas pessoas ou dois partidos hão de querer a mesma coisa. Mas ambos não poderão ser satisfeitos se houver uma coisa só. E assim tem sido desde que as crianças aprendem a engatinhar, indo tirar o brinquedo do outro. Na família, são os pais que param de questionar, decidindo pela justiça. Com os grandes esta luta começou quando aínda os povos viviam em tribus. Mas, se formos brigar por qualquer diferença de opinião, não haverá tempo para mais nada a não ser brigar; por isso, já as tribus tinham êste mesmo sistema de escolher um para darlhes a opinião em circunstâncias tais. E assim estão os povos todos mais ou menos amparados pelas constituições que regem os países. Êsse é o modo de agir mais acertado. Mas não é o suficiente, pelo menos não em tôda a parte. Os que assim não pensam, continuam a guerrear. Uma vez principiada a luta, é difícil conservar a cabeça no lugar. O melhor é fazer tudo para evitar começar.

Qualquer criança compreende claramente o que instiga o povo a ir à guerra e qualquer rapaz pode compreender como evitá-la. *Entender* não é difícil. Mas pôr em prática, oh! exige muito. Todavia todos nós aprendemos a fazer coisas difíceis e se, realmente quisermos, *no íntimo do nosso coração*, poderemos aprender a viver sem guerrearmos uns aos outros.

"Amarás ao teu próximo como a ti mesmo".

"Não vos vingueis a vós mesmos, amados...".

★ ★ ★

RESPOSTAS àS PERGUNTAS SÔBRE O CORPO HUMANO.

1. Fémur, osso da coxa.
2. Rótulo — rotula.
3. Bigorna.
4. Estribo.
5. Martelo.
6. Rádio.
7. As pálpebras.
8. Externo.
9. A orelha.
10. Barriga da perna
11. Falangeta.
12. Pescoço.
13. Junta
14. coto + velo = cotovelo.
15. Diafrágma.
16. Sinóvia.
17. O fígado.
18. Cinzento.
19. O figado.
20. De 7 a 9 metros.

A lição que Hugo não esperava aprender ★ ★ ★

Era uma vez um menino que morava à beira duma floresta. Chamava-se Hugo. Seu pai era jardineiro.

Hugo passava o dia todo ocupado. De manhã, depois do café, ia à escola, ao voltar almoçava, brincava e à noite ia para a cama. Quando não havia aula, brincava bastante com o seu Plutão. Às vêzes o pai ou a mãe pedia-lhe um favorzinho, mas se não se sentia disposto a fazê-lo, dizia apenas não querer e continuava brincando.

Seu pai trabalhava durante o dia fazendo jardins nas casas de gente rica; fazia-os grandes e pequenos, redondos, quadrados e de muitos outros formatos. Ultimamente queixava-se de dor nas costas, não podendo ficar curvado por muito tempo. Às vezes levava Hugo consigo para ajudá-lo. Mas um dia Hugo atirou longe a enxadinha e disse raivoso:

— Ah! Eu não quero mais puxar terra!

— Está bem, não faz mal, disse-lhe o pai.

E continuou a trabalhar sozinho.

Hugo brincou muito o resto daquele dia e o dia seguinte todo. Brincou de tudo o que podia imaginar. Afinal pegou no carrinho que estava desarranjado e correu para o pai.

— Papai, veja. O senhor conserta, papai?

Mas o pai sem lhe dar atenção continuou revolvendo a terra.

Hugo correu então para a mãe que costurava.

— Mamãe, por que o papai não quer falar comigo?

— Êle resolveu não gostar de prosa e não quer conversar.

— Posso comer alguma coisa? perguntou o menino um tanto aborrecido.

— Pode, mas vá você mesmo preparar, pois eu não gosto mais de pôr mesa nem de lavar louça, disse-lhe a mãe, rindo.

Hugo foi à dispensa e tirou uma fatia de pão com manteiga. Tomou um copo de leite e correu ao quintal. Plutão estava dormindo.

— Plutão, Plutão! Aquí.

Plutão abriu um ôlho, ergueu uma orelha, abanou a cauda e continuou deitado.

— Vamos, Plutão, apostar corrida. Ora, você está doente, meu cãozinho?

— Oh! Não! respondeu êle calmamente. Não estou com vontade; agora só quero dormir e forçado não vou.

Hugo pensou noutra coisa.

Montou na bicicleta, mas as rodas não se moviam. "Que terá acontecido a esta velhusca?"

— Não me aconteceu nada, gritou a bicicleta. E' que tenho apenas vontade de ficar encostada à parede, com aparência de nova.

Hugo, furioso, deu um ponta-pé na bicicleta e correu a procurar o pai que estava ensilhando o Diamante.

— Eu também vou, exclamou Hugo, esquecendo-se da raiva. Trepou no trolinho azul, mas quando o pai disse ao cavalo: "Vamos, Diamante", êle nem se mexeu.

— Mau, mau. Será que o arreio não está certo?

Desceu, examinou; tudo direitinho.

— Que massada! Vamos, Diamante, vamos!

O cavalo virou a cabeça e disse:

— Não sabe que agora só se faz o que se quer? Eu não estou com vontade de ir.

Depois d mais algumas tentativas, desistiu e soltou o animal.

Hugo não arredou pé de perto do pai. À tarde êle foi tirar leite da vaca. Mas a boa Pintura não dava leite.

— As moscas é que a incomodam? perguntou o homem, já nervoso.

— Não, disse a vaca, continuando a abanar o rabo, hoje não estou com vontade de dar leite; quero só comer e dormir.

— Pois, muito bem, disse o homem, bem humorado.

— Que atrapalhação, exclamou Hugo, realmente perturbado. Voltou para casa, tomou um pouco de sopa e subiu. Encontrou o quarto em completa desordem. Um cobertor no chão, colchas e lençóis jogados a um canto.

— Mãezinha, a senhora se esqueceu de minha cama?

— Não, filho, não me esqueci. Você mesmo deve arrumá-la, se quiser, foi o que resolvi.

O menino puxou as cobertas, deitou-se e dormiu.

Na manhã seguinte, a mãe preparou o café com leite, mas a louça continuava na pia, aínda por lavar.

— Quando acabar o que temos na dispensa, não sei o que fazer. O açougueiro não vende mais carne porque se aborreceu de fazer trôco; o negociante não quer mais fazer embrulhos. Parece que agora não se faz aquilo de que se não gosta. Os alfaiates, as costureiras cansaram-se de tirar alinhavos de modo que as senhoras e os homens usam paletós cheios de alinhavos. Os trens, ora correm, ora param. Os rios deixaram de correr para o mar. O mar não tinha mais marés porque a Lua entendeu que era muita coisa puxar as águas duas vêzes por dia. Afinal o Sol veiu a saber:

— Que confusão é esta que reina em minha terra?

— Não sabe? perguntaram-lhe as andorinhas. Cada um faz só o que quer e o de que gosta. Se parte de seu trabalho o desagrada, deixa-o para quem quiser fazer. E se ninguém gostar, fica por fazer.

— De quem partiu tal idéia?

— Pensamos que foi do filho do jardineiro.

— Mandem-no sair ao sol!

Então as andorinhas voaram a contar ao sapo que morava no jardim; o sapo contou a Plutão e Plutão correu para dentro atrás de Hugo. O menino desta vez nem parou para pensar se queria ou não obedecer.

— Menino! bramiu o Sol, numa voz de estremecer, de onde tirou a idéia de que não tem de fazer uma coisa meramente por a detestar?

— Eu... eu não sei, gaguejou Hugo. Eu mesmo que decidi. Imaginei que também os outros só faziam o que apreciavam.

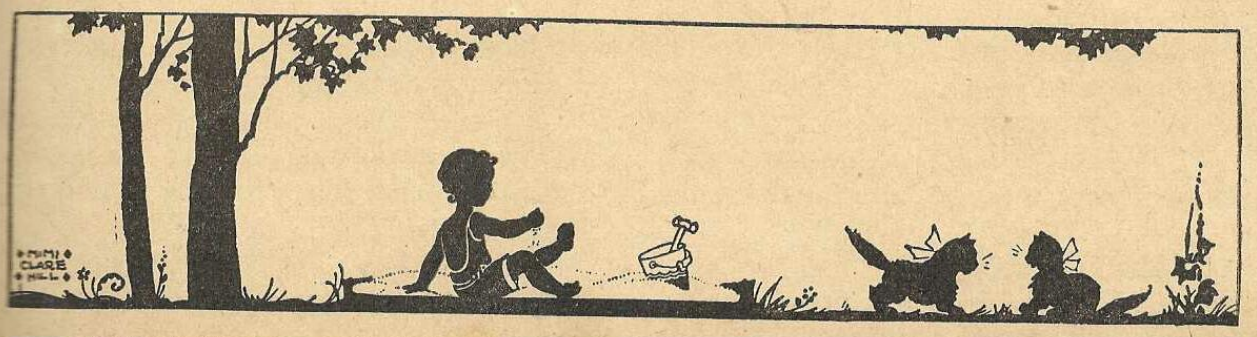
— Então, disse o sol, irado, *você* é a causa de todo êste transtôrno. Fique, pois, sabendo que é a única criatura que se afasta de tudo, temendo ser machucado. Quer agora que o transforme numa concha e o esconda no fundo do mar onde não será incomodado por ninguém?

— Não, Sol, por favor, por misericórdia, exclamou Hugo, olhando para o Sol. Hei-de mostrar a todos que não sou covarde.

Hugo pareceu ver o Sol piscar e dar um sorriso franco e largo.

— Muito bem, disse o Sol, mais manso, lá no jardim onde seu pai trabalha há um monte de terra para puxar.

"Como a terra é leve! Ate parece que vôa. E' até divertido" pensou Hugo. "Estou gostando de fazer coisas difíceis!"



O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO XI

A MARAVILHOSA CIDADE DAS ESMERALDAS

Mesmo com os olhos protegidos pelos óculos verdes, Dorita e seus companheiros ficaram a princípio deslumbrados com o esplendor da maravilhosa cidade. Belos edifícios de mármore verde, cravejados de esmeraldas cintilantes, ladeavam as ruas. As calçadas eram feitas de blocos do mesmo mármore verde e nas suas pinturas havia fileiras de esmeraldas, umas bem unidinhas às outras, reluzindo ao sol. As vidraças eram verdes e até o céu e o sol tinham um tom esverdeado.

Havia muito povo. Homens, mulheres e crianças, de tez esverdeada, andavam pelas ruas, vestidos de verde. Fitavam Dorita e seus originais companheiros com olhos muito abertos, e tôdas as crianças fugiam e se escondiam atrás das mães, quando enxergavam o Leão; mas ninguém falou com êles. Havia muitas lojas e Dorita viu que todos os artigos expostos nas suas vitrinas eram verdes. Havia, à venda, balas verdes, cocadas verdes, sapatos, chapéus e tôda a espécie de roupas, tudo verde. Numa esquina, um homem vendia sorvete e Dorita viu que as crianças que o compravam, pagavam com tostões verdes.

Não se viam cavalos ou outros animais quaisquer; os vendedores levavam suas mercadorias em carrinhos verdes, empurrados à mão. Todos pareciam viver muito felizes.

O Guarda das Portas conduziu nossos amigos pelas ruas principais, até chegarem a um grande edifício exatamente no centro da cidade. Era o palácio de Oz, o Grande Mágico. Na porta estava um soldado que envergava orgulhosamente uma farda verde. Uma longa barba verde cobria-lhe o rosto.

— Estão aquí uns extrangeiros que pedem uma entrevista ao Grande Oz, disse-lhe o Guarda das Portas.

— Entrem, meus senhores, respondeu o Soldado. Irei anunciar a Oz a sua chegada.

Entraram, então, no palácio e o Soldado levou-os a uma grande sala forrada com um tapete verde e guarnecida de elegantes moveis verdes, cravejados de esmeraldas. O Soldado pediu a todos que limpassem os pés no capacho verde, antes de entrarem na sala e, estando todos sentados, disse-lhes amavelmente:

— Fiquem a gôsto enquanto vou à porta da sala do trono, avisar Oz da chegada dos senhores.

Esperaram um tempo enorme a volta do Soldado. Quando afinal apareceu na sala, Dorita lhe perguntou:

— Chegou a ver o Grande Oz?

— Não, não, nunca o vi! tornou o Soldado. Dei seu recado por detrás dum paravento. Êle disse que pode conceder-lhes uma audiência, visto que o desejam, mas exige que cada um vá à sua presença só e que se apresentem em dias diferentes. Como será necessário, portanto, permanecerem no palácio por vários dias, darei ordem para que sejam conduzidos a aposentos onde poderão refazer-se das fadigas da jornada.

— Muito obrigada, disse a menina. Como Oz é amável!

O Soldado apitou num assobio verde e imediatamente uma moça, com um vestido de seda verde, entrou na sala. Seus lindos cabelos eram verdes e verdes eram os olhos. Fazendo uma profunda reverência a Dorita, disse-lhe:

— Venha comigo e eu lhe mostrarei seu quarto.

Dorita despediu-se de todos os amigos, menos de Totó, e com êle nos braços, seguiu a moça verde. Atravessaram sete corredores e subiram três escadas para chegarem a um quarto, na frente do palácio. Era um quartinho encantador, com uma linda cama, onde se viam estendidos lençóis de seda verde e uma colcha de veludo verde. No centro do quarto havia um repuxo muito pequenino, primorosamente lavrado, a jorrar perfume verde.

Lindas flores verdes enfeitavam os parapeitos das janelas e, a um lado, havia uma estante cheia de livrinhos verdes. Logo que teve tempo, Dorita pôs-se a folheá-los e riu muito das engraçadas gravuras verdes que neles encontrou.

O guarda-roupa estava cheio de vestidos de seda, setim e veludo verde. Serviam tão bem para Dorita, que pareciam ter sido feitos para ela.

— Esteja a gôsto, disse a Moça Verde e si desejar qualquer coisa, não faça cerimônia: toque a campaínha. Amanhã cedo Oz mandará chamá-la.

Isso dizendo, deixou Dorita sozinha e voltou para junto dos outros viajantes. Levou cada um para seu quarto, alojando-os comodamente em diferentes partes do palácio. O Espantalho é que não soube apreciar tôdas essas comodidades e, achando-se só no seu quarto, ficou para-

do diante da porta como um idiota, esperando que amanhecesse. De nada valia deitar-se. Também não podia fechar os olhos; de modo que passou a noite tôda com os olhos pregados numa pequena aranha que tecia pacientemente sua teia, num canto do quarto. Não notou siquer a maravilhosa riqueza que o cercava. O Lenhador de Latão lembrou-se dos tempos em que aínda era de carne e osso. Deitou-se na sua cama mas não podendo dormir, passou a noite exercitando suas juntas, para assegurar-se de que continuavam a funcionar com facilidade. O Leão teria preferido deitar-se sôbre as folhas sêcas da floresta. Aquela prisão não lhe agradava muito, todavia, sendo um animal inteligente, tratou de acomodar-se o melhor possível. Saltou para a cama, onde se enrolou como um gato e logo adormeceu.

Na manhã seguinte, depois do almôço, a Moça Verde veiu buscar Dorita. Vestiu-lhe o mais lindo dos vestidos, feito de brocardo verde. Dorita amarrou uma fita verde no pescoço de Totó e foram para a sala do trono do Grande Oz.

Passaram primeiro por um grande salão, repleto de damas e cavalheiros da Côrte, todos ricamente trajados. Essas pessoas, embora nunca fôssem admitidas à presença de Oz, vinham todos os dias ao palácio e passavam o tempo a conversar uns com os outros. Quando Dorita entrou lançaram olhares curiosos à menina e uma das damas perguntou-lhe:

— Está mesmo decidida a ir à presença de Oz, o Terrível?

— Está claro! Isto é, se êle quiser receber-me, respondeu a menina.

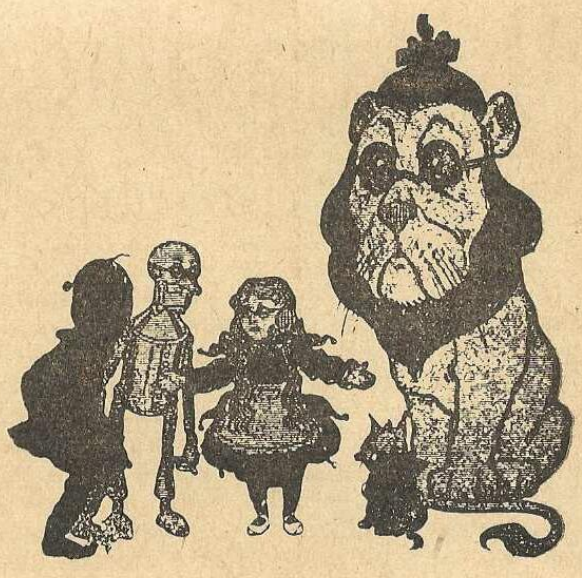
— Oz vai recebê-la, a-pesar-de não gostar de dar audiências, disse o soldado. A princípio, quando mencionei seu pedido, êle ficou indignado e disse que eu devia mandá-la embora. Em seguida, perguntou-me que aparência tinha. Ao fazer referência aos seus sapatos de prata, mostrou grande interêsse pela menina. Quando, afinal, lhe contei que trazia na testa o sinal do beijo da fada, resolveu admití-la à sua presença.

"Tri... trim..." soou uma campaínha.

A Moça Verde disse a Dorita:

— E' o sinal. Precisa entrar na sala do trono.

Abriu uma porta pequena, por onde Dorita passou corajosamente. Ficou deslumbrada! Achou-se num lugar maravilhoso! Era uma espaçosa sala circular, tendo o assoalho, as paredes e o alto teto abobadado inteiramente cravejados de esmeraldas. No centro do teto havia uma enorme luz, brilhante como o sol, que fazia as esmeraldas cintilarem de um modo maravilhoso.



O que mais chamou a atenção de Dorita foi o grande trono de mármore verde, colocado no centro da sala. Parecia uma cadeira e, como tudo mais, era cravejado de pedras preciosas. No meio da cadeira Dorita viu uma enorme cabeça, sem corpo, braços, pernas nem cabelo. Era calva como uma bola de bilhar. Não tinha um fiozinho de cabelo nem para remédio, mas tinha olhos, nariz e bôca. Era muitíssimo maior do que a cabeça dum gigante.

— Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Quem és tu e que queres de mim?

A voz não era tão horripilante como a menina esperava ouvir da enorme cabeça. Creou, pois coragem e respondeu:

— Eu sou Dorita, a Pequenina e Humilde. Vim pedir-vos auxílio.

Os olhos fitaram-na, pensativos, durante um longo minuto. Depois, a voz disse:

— Onde arranjaste êsses sapatos de prata?

— Foram da Bruxa Malvada do Oriente. Deram-mos quando minha casa caiu sôbre ela e a matou...

— Quem te pôs essa marca na testa? continuou a voz.

— Foi a boa Fada do Norte que, ao se despedir de mim, beijou-me. Foi ela mesma quem me mandou vir aquí.

Outra vez os olhos penetrantes cravaram-se nos dela e viram que falava a verdade. Oz então perguntou:

— Que queres que eu faça?

— Que me mandeis de volta para a casa de minha tia Ema e do meu tio Henrique, respondeu ela, falando com tôda a sinceridade. Não gosto da vossa terra, a-pesar-de ser tão linda. Tenho certeza de que tia Ema está muito aflita por eu estar fora de casa há tanto tempo.

Os olhos piscaram três vezes e viraram-se primeiro para o teto e depois para o assoalho. Em seguida, começaram a

virar, a virar, tão depressa que pareciam ver todos os cantos da sala ao mesmo tempo. Afinal, fixaram-se outra vez em Dorita.

— Por que cargas dágua devo eu ajudar-te? perguntou Oz.

— Porque vós sois grande e forte e eu sou pequenina e fraca; vós sois um grande mágico e eu, apenas uma menina desamparada.

— Mas tiveste fôrça para matar a Bruxa de Leste, disse Oz.

— Foi por acaso, tornou Dorita com simplicidade. Foi sem querer.

— Pois bem, disse a Cabeça, mas com uma condição. Não tens o direito de esperar que te mande para tua casa sem, em troca, me prestares algum serviço. Nesta terra cada um paga o que recebe. Se quiseres que use meus poderes mágicos afim de fazer-te voltar para casa, será preciso que faças primeiro o que te pedir. Ajuda-me e eu pagarei com a mesma moeda.

— Em que vos poderei ajudar? perguntou a menina.

— Mata a Bruxa do Ocidente, respondeu Oz.

— Matar a Bruxa do Ocidente? Eu? Mas é impossível! exclamou Dorita, muito admirada.

— Tu mataste a Bruxa do Oriente e estás com teus sapatos de prata, que são encantados. Far-te-ei voltar a casa de teus tios somente quando me vieres contar que has matado a Bruxa, a única que aínda vive nestas terras. Antes disso, não contes comigo.

A menina ficou tão desapontada que começou a chorar. Os olhos tornaram a piscar e fitaram-na, ansiosos. Parecia que o grande Oz achava impossível que a menina não pudesse ajudá-lo.

— Nunca matei nada por querer, disse ela entre soluços e, mesmo que quisesse, como poderia matar a Bruxa malvada? Se vós, que sois um grande mágico, não podeis matá-la, como quereis que eu o possa?

— De que modo has-de matá-la, não sei, respondeu a Cabeça. Todavia esta é a minha resposta: enquanto a Bruxa malvada não morrer, não verás os teus tios. Lembra-te de que a Bruxa é má — muitíssimo má — e que ela deve morrer. Agora vai-te embora e não voltes a minha presença enquanto não tiveres cumprido tua tarefa.

Triste e desanimada, Dorita saiu da sala do trono e voltou para junto do Leão, do Espantalho e do Lenhador de Latão que esperavam ansiosos por saber a resposta de Oz.

— Perdí tôda a esperança, disse ela muito triste. Oz não me mandará para casa enquanto eu não matar a Bruxa do Ocidente e isso, bem sei, é um absurdo.

Seus amigos tiveram muita pena dela, mas nada podiam fazer para ajudá-la. A menina, desconsolada, foi para seu quarto e, deitando-se na cama, chorou até adormecer .

Na manhã seguinte, o Soldado de Barba Verde chegou-se ao Espantalho e disse-lhe:

— Venha comigo. Oz mandou chamá-lo.

O Espantalho seguiu seu guia e, entrando na grande sala do trono, viu, sentado no trono de esmeraldas, uma linda mocinha. Trajava um vestido de gaze de seda verde e uma coroa de pedras preciosas prendia seus compridos cachos verdes. Nos seus ombros viam-se asas de côres vivas, tão tenues que tremiam com a mais leve aragem.

O Espantalho cumprimentou essa linda criatura com tôda a elegância que lhe permitiu seu corpo empalhado. Ela, lançando-lhe um olhar bondoso, disse-lhe:

— Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Quem és e que queres de mim?

Ora, o Espantalho que esperava encontrar a enorme cabeça da qual falara Dorita, caiu das nuvens ao ouvir tais palavras. Todavia, respondeu corajosamente:

— Sou apenas um Espantalho, cheio de palha e portanto não tenho miolos. Vim implorar-vos trocar a palha por miolos. Quero ser um homem como os que habitam vossos domínios.

— Mas, por que razão hei-de eu fazer isso a ti? perguntou a dama.

— Porque sois sábia e poderosa. Não há outra pessoa que me possa dar miolos, respondeu o Espantalho.

— Nunca faço favores sem receber por êles alguma recompensa, disse Oz. Se matares a Bruxa do Ocidente, prometo dar-te muitos miolos e de tão boa qualidade que te tornarás o homem mais

— Mas já pedistes isso a Dorita, disse o Espantalho surpreendido.

— E' verdade. A mim, pouco se me dá ser êste ou aquele que a mate.O que quero é vê-la morta e bem morta. Do contrário, podes olhar para teus miolos por uns óculos. Agora vai-te embora e não voltes a minha presença enquanto não mereceres os miolos que tanto desejas.

O Espantalho voltou triste e desanimado para junto de seus amigos e repetiu-lhes as palavras de Oz. Dorita ficou admiradíssima quando soube que o Grão-Mágico não era mais uma cabeça, mas sim uma linda moça.

— A-pesar-de linda, disse o Espantalho, ela precisa de um coração tanto como o Lenhador de Latão.

Na manhã seguinte, o Soldado de Barba Verde foi chamar o Lenhador de Latão para se apresentar perante Oz, dizendo:

— Oz mandou chamá-lo. Siga-me.

O Lenhador de Latão seguiu-o à grande sala do trono. Ia matutando: "Será que vou encontrar Oz sob a forma duma gentil dama ou duma cabeça? Tomara que seja a da gentil dama, pois uma cabeça não tem coração e sem coração não poderá compreender meus sentimentos. Se eu encontrar a linda mocinha, instarei muito com ela para obter um coração. Todos dizem que as mulheres sempre têm bom coração".

Quando o Lenhador de Latão entrou na sala do trono, não viu nem a cabeça nem a dama; Oz tomara a forma dum horripilante animal. Tinha quasi o tamanho dum elefante e o trono parecia vergar sob o seu enorme pêso. O animal tinha cabeça de rinoceronte, com cinco olhos na testa. Do seu grande corpo saiam cinco compridos braços e cinco longas e delgadas pernas. Todo êle era coberto por um pêlo grosso e lanoso. Seria difícil encontrar um monstro mais horrível. Foi bom o Lenhador de Latão não ter aínda coração, pois se já o possuisse, teria nessa ocasião batido com fôrça assustadora. Sendo de latão, não sentiu nem um pouquinho de mêdo; apenas ficou muito desapontado.

— Eu sou Oz, o Grande e Terrível, disse o animal, numa voz, que mais parecia um rugido. Quem és e que queres de mim?

— Sou um Lenhador e sou feito de latão. Não tenho coração e não posso amar. Rogo-vos dar-me um coração, para que eu seja igual aos outros homens.

— Por que pensas que te atenderei? perguntou o animal.

— Porque vos peço e porque só vós podeis atender ao meu pedido, respondeu o Lenhador.

Oz, ao ouvir estas palavras, rosnou e disse numa voz rouca.

— Se na verdade queres um coração, precisarás trabalhar para ganhá-lo.

— Que trabalho precisarei fazer?

— Ajuda Dorita a matar a Bruxa do Ocidente, tornou o animal. Quando a Bruxa estiver morta, vem ter comigo e dar-te-ei o coração maior, mais bondoso e mais amoroso de tôda a Terra de Oz.

O Lenhador de Latão voltou muito triste para junto de seus amigos e contou-lhes que vira um monstro terrível. Acharam maravilhoso que o Mágico pudesse disfarçar-se de tantas maneiras.

— Se êle for um animal, disse o Leão, quando eu o vir, soltarei rugidos pavorosos e assim êle ficará com mêdo e me dará o que lhe pedir. Se for uma moça delicada, fingirei que vou saltar sôbre ela e assim, ver-se-á obrigada a fazer o que eu mandar. Se for uma enorme cabeça, então será uma brincadeira! Farei rolar a cabeça por tôda a sala até que ela prometa dar-nos tudo o que pedimos. Ânimo, amigos! Tudo se arranjará!

Na manhã seguinte, o Soldado de Barba Verde conduziu o Leão à presença de Oz. Ao entrar na sala do trono, o Leão imediatamente lançou um olhar rápido ao deante do trono, havia uma bola de fogo redor. Com grande surpresa viu que, tão luminosa que êle quasi não podia olhar daquele lado. Sua primeira idéia foi que Oz tivesse pegado fogo e que estava sendo reduzido a cinzas; mas quando procurou aproximar-se, o calor era tão intenso que lhe crestou as barbas e êle voltou, tremendo de mêdo, para junto da porta.

Veiu, então, da bola de fogo, uma voz sumida, que dizia:

— Eu sou Oz, o Grande e Terrível. Quem és e que queres de mim?

— Eu sou um Leão Covarde; tenho mêdo de tudo. Vim suplicar-vos dar-me coragem, para que possa ser, na verdade, o Rei dos Animais, como me chamam os homens.

— Por que pensas que te darei coragem?

— Porque sois o maior de todos os mágicos e o único poderoso para me dar o que peço, respondeu o Leão.

A bola de fogo ardeu com tremendo furor, durante alguns minutos, e disse em seguida:

— No dia em que me trouxeres provas da morte da Bruxa do Ocidente, dar-te-ei coragem, mas enquanto a Bruxa viver, continuarás a ser um covarde.

O Leão ficou indignado com esas palavras, mas nem tugiu. Enquanto silenciosamente fitava a bola de fogo, o seu calor se tornou tão forte que êle se voltou e azulou da sala. Ficou bem contente por encontrar os amigos à sua espera. Narrou-lhes com voz trémula, sua terrível entrevista com o Mágico.

— E agora, como se há-de ser? perguntou Dorita muito triste.

— Há só um remédio, respondeu o Leão. Precisamos ir ao País dos Viniquianos procurar a Bruxa e matá-la.

— E se não o conseguirmos? perguntou a menina.

— Então... adeus coragem! declarou o Leão.

— E meus miolos... era uma vez, acrescentou o Espantalho.

— E meu coração... será um sonho! disse o Lenhador de Latão.

— Pobre de mim! Nunca mais verei a querida tia Ema e o meu tio Henrique, disse Dorita, começando a soluçar.

— Cuidado! exclamou a Moça Verde. As lágrimas podem cair no seu vestido e manchá-lo.

Dorita, enxugou os olhos e disse:

— Não há remédio! Precisamos mesmo ir à procura da Bruxa. Eu não quero

matar ninguém, aínda que seja o único meio de ver a tia Ema outra vez.

— Irei com você, disse o Leão, mas sou muito covarde para matar a Bruxa.

— Eu também irei, disse o Espantalho mas pouco poderei fazer porque sou mesmo um arara.

— Tenho até pena da Bruxa, disse o Lenhador de Latão, mas se você for para o país dos Viniquianos, está claro que eu irei junto.

Resolveram então partir no dia seguinte. O Lenhador de Latão afiou seu machado numa pedra verde e azeitou bem tôdas as juntas do seu corpo. O Espantalho encheu-se de palha nova e Dorita passou-lhe tinta fresca nos olhos. A Moça Verde, sempre muito amável, encheu a cesta de Dorita com um bom farnel e enfiou uma fita verde num guiso, amarrando-o ao pescoço de Totó.

Deitaram-se cedo e dormiram com uma pedra, até o amanhecer. Foram despertados por um galo verde que cantava no quintal do palácio e pelo cacarejar duma galinha verde que acabava de pôr um ovo que também tinha a côr das esmeraldas.

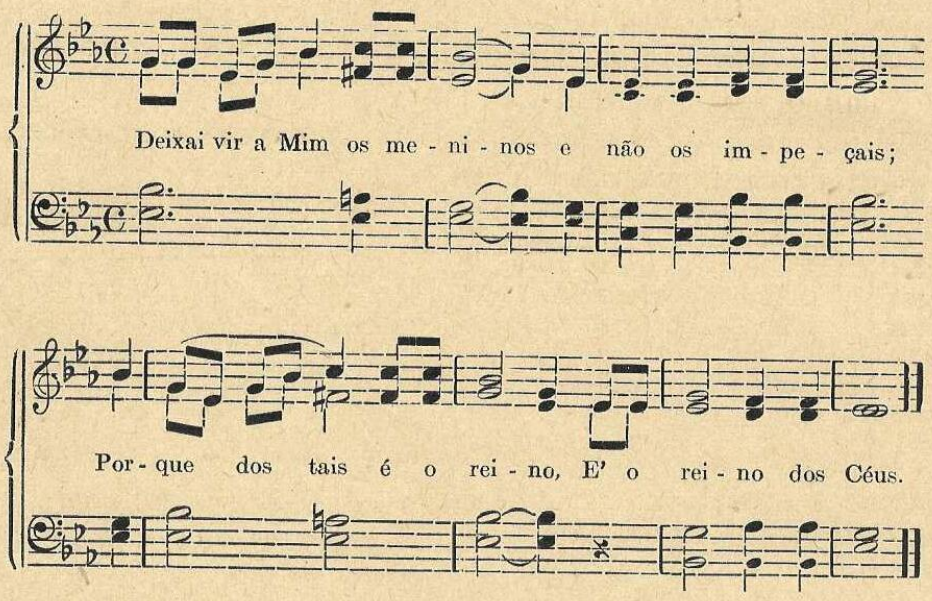
(Continua).

★ ★ ★

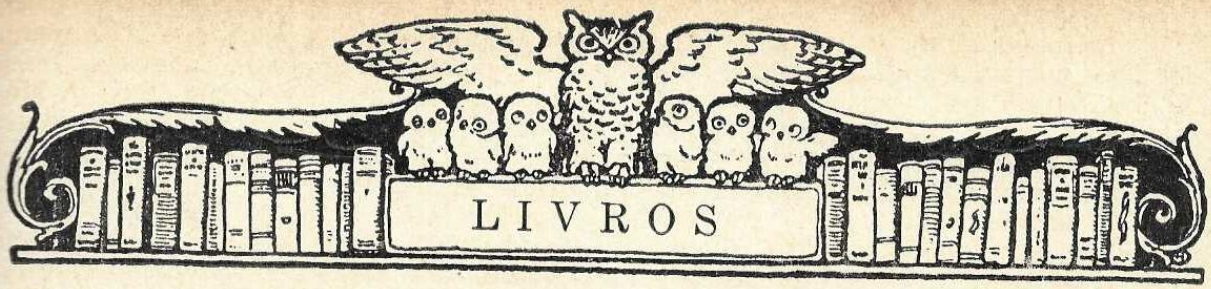
"Deixai vir a mim os meninos"

Lucas 18:16

EULA K. LONG.



Nota: Publicamos novamente êste cântico em virtude de algumas modificações feitas.



QUEM É QUE SABE?

1) Completar : *Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer ; se tiver sêde, dá-lhe de beber ; porque fazendo isto...*
2) Que é que no mar quer vento e em casa não quer ?
3) Qual é o pedaço mais amargo do Brasil ?
4) Corrigir : Vamos hoje assitir o jôgo ?
5) Onde fica a Arvore das Lágrimas ?
6) Como se chamava a segunda Imperatriz do Brasil ?
7) Quantos livros possuia Rui Barbosa em sua biblioteca particular ?
8) Qual é o número que acentuado se engole ?
9) Qual é o país cuja capital fica bem debaixo da linha equatorial ?
10) Qual das Américas é mais larga, a do Sul ou a do Norte ?
11) Que disse o rei Leonidas ao saber que as flechas dos persas eram tantas que obscureciam o sol ?
12) Que célebre homem de estado disse : Sou homem que verga mas não quebra ?
13) Como se chama o sangue das plantas ?
14) Qual é o antônimo de miopia ?
15) De quantos livros se compõe a Bíblia ?

Respostas às perguntas de Julho

1) *que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.*
2) A letra *n*.
3) Interjeição popular designativa de recusa ou negação.
4) O Kangurú.
5) A marmota.
6) Tenho *de* e não tenho que.
7) Cadeira.
8) A estrêla Próxima, na constelação de Centauro.
9) Atenas Brasileira.
10) Com treze.
11) Com doze
12) Com três apenas.
13) Dentro da terra.
14) Porque é mais leve que a água, ficando assim sempre por cima.
15) O-rei Belshazzar e a mão foi enviada da parte de Deus.

REPARTINDO

Na vastidão das florestas
vive o índio caiuá...
Tem horas de grandes festas,
e tem provações funestas,
na vida que passará.

Não lhe basta a lua errante,
a rolar na imensidão,
nem o sol vivificante,
se tem de viver perante
tormentosa negridão.

O muito valor da terra
que o trabalho possa dar,
o vale, a campina, a serra,
é certo que não encerra
o preço de se estudar.

Nos rincões das verdes matas
há tesouros a valer,
há riquezas de cascatas,
que murmuram serenatas,
quais não posso descrever.

Contudo, na exuberância,
que a natureza traduz,
eu vejo perder-se a infância
sem nem um raio de luz.
mergulhada na ignorância,

Tamanho pesar me invade
que não posso resistir
aos impulsos da vontade...
Pedirei por caridade,
em prol do nosso porvir.

Trago de longe os clamores,
são vozes dos caiuás...
Apelam para os favores,
assombrados dos rigores
duma vida ineficaz.

Pedem luz, a luz do ensino,
luz da vida espiritual.
Querem pão, o pão divino,
o velho, o moço, o menino,
querem todos por igual.

A farta mão que semeia,
no labor se abençoará:
cada punhado ou paveia,
de certo em muito granjeia
para a **Missão Caiuá.**

A. de C. G.

De "Voz de Rebate"

Lembram-se os bem-te-vistas de que estiveram em campanha por um ano em pról dos índios caiuás?